

## DIÁLOGO ABERTO

## O papel da casa na literatura brasileira



F de Jesus/Shutterstock.com

## FIQUE SABENDO →

### Eu preciso dessas palavras: Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado

Episódio do *podcast* **As narradoras** abre os cadernos de duas importantes escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. Carolina conta sua vida na favela, e Maura narra as experiências de suas internações psiquiátricas.

### Enredos do carnaval do Rio

O *podcast* **Angu de Grilo** analisa os sambas-enredos do carnaval de 2026 do Rio de Janeiro. Entre eles, o samba da Unidos da Tijuca, que homenageou a escritora Carolina Maria de Jesus.

### Instituto Comuta

O *blog* compartilha conteúdos semanais sobre moradia digna, direitos e justiça social.

## A casa como espelho da sociedade na literatura brasileira

A questão da moradia é um tema recorrente na literatura mundial. Olhar para essa temática dentro de uma obra literária viabiliza a reflexão sobre outros temas, como questões de gênero, pertencimento, memória, desigualdade social etc. O espaço é um dos elementos mais importantes de uma narrativa, pois não funciona apenas como ambiente e cenário: ele pode moldar a maneira como as personagens são construídas, interfere nas ações das narrativas e pode simbolizar relações sociais. Na literatura brasileira, a moradia pode ser vista como lugar de pertencimento e memória, mas também como ausência e precariedade; a casa pode representar estabilidade e identidade, exclusão e luta pela sobrevivência, bem como proteção e opressão.

Na literatura brasileira, é possível observar a maneira como o Brasil se configura a partir das narrativas que colocam a casa e o espaço privado em destaque. Esses elementos

aparecem desde os primórdios da formação da literatura nacional. A presença das casas, dos cortiços e dos mocambos ajuda na reflexão e na compreensão das contradições que constituem o Brasil. Não por acaso, o espaço também se torna personagem em obras importantes do nosso cânone literário, como **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos; **Crônica da Casa Assassinada**, de Lúcio Cardoso; **Fogo Morto**, de José Lins do Rego; **Memórias de Martha**, de Júlia Lopes de Almeida; **Quarto de Despejo** e **Casa de Alvenaria**, de Carolina Maria de Jesus.

Na década de 1930, muitos romances brasileiros tinham como objetivo a tentativa de captar o todo da nação, dando sequência ao projeto que perpassou o Romantismo e a primeira fase do Modernismo, ambos buscando compreender e consolidar uma identidade genuinamente nacional. Nesse contexto, o espaço doméstico e comunitário foi utilizado como modo de observar e expor as desigualdades sociais e a diversidade cultural. Ao retratar casas-grandes, senzalas, mocambos ou cortiços, obras regionalistas revelaram como a moradia estava diretamente ligada às hierarquias sociais e às tensões entre as classes.

Em **Vidas Secas**, por exemplo, a ausência de moradia fixa evidencia a instabilidade da vida do sertanejo diante da seca e da pobreza. Já em **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, o espaço coletivo e insalubre revela as contradições da urbanização carioca do século XIX. Em **Crônica da Casa Assassinada**, de Lúcio Cardoso, a casa é palco da decadência de uma família, revelando como o espaço doméstico pode carregar segredos e se mostrar como um ambiente opressor.

Esses exemplos mostram que a moradia na literatura brasileira não é apenas cenário, pois funciona como elemento que revela o modo de vida e as desigualdades que permeiam a sociedade. Ela pode ser espaço de memória e pertencimento, mas também de exclusão e invisibilidade. Ao colocar casas, cortiços e mocambos no centro das narrativas, os escritores brasileiros construíram uma crítica social e cultural que permite ler a sociedade brasileira até os dias atuais.

Assim, a literatura brasileira ensina que a questão da moradia é inseparável da própria compreensão do país. Mais do que paredes e tetos, as casas representam as contradições que constituem a nossa sociedade, os espaços de resistência e denúncia e os lugares de construção de identidade e memória coletiva. Dessa forma, compreender esse tema é uma forma de perceber como a literatura dialoga com a realidade social e ajuda a refletir sobre os desafios do Brasil contemporâneo.



Capa do livro **Memórias de Martha**, de Júlia Lopes de Almeida.



Capa do livro **O cortiço**, de Aluísio Azevedo.

Editora Penguin-Companhia

Editora Penguin-Companhia

## A escrita como casa: *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus

Em seu célebre ensaio **Um teto todo seu**, Virginia Woolf defende a necessidade de um espaço próprio e de condições materiais para que as mulheres possam se desenvolver artisticamente. Anos depois da publicação do ensaio da escritora inglesa, uma mulher brasileira pobre, negra, moradora da favela paulista do Canindé, mãe solo e catadora de materiais recicláveis tornou-se escritora ao retratar seu cotidiano na favela. Falamos aqui de Carolina Maria de Jesus.

Carolina e sua escrita foram descobertas pelo jornalista Audálio Dantas, da revista O Cruzeiro, enquanto fazia uma reportagem na favela do Canindé. No processo de edição para a publicação do material que recebeu da escritora, Audálio selecionou os trechos que considerou mais marcantes e significativos.

**Quarto de despejo** é o diário de uma catadora de papel em que é narrado o cotidiano na favela, suas mazelas e dificuldades. A autora descreve principalmente a própria rotina e o seu olhar diante de uma realidade extremamente difícil. Ao longo do livro é possível observar o incômodo de Carolina com o ambiente da favela e seu desejo de não viver ali. A marginalidade e a falta de dignidade que permeiam esse ambiente causam incômodo na escritora.

Diante disso, fica claro por que Carolina compara a favela a um quarto de despejo, lugar onde se jogam os restos. Para a autora, existe uma divisão clara entre a cidade e a favela: a primeira seria um palácio; a segunda, o lugar onde vivem aqueles que não têm valor na sociedade.

... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 29.

A visão de Carolina Maria de Jesus sobre o espaço que ocupa pode ser observada no seguinte trecho de **Quarto de despejo**:

As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 33.

Além de imprimir nas páginas de seu livro a própria visão sobre a favela, Carolina tece críticas, de maneira bastante lúcida com relação às desigualdades sociais, ao modo como a sociedade trata a favela e quem vive nela.

Mas uma das chaves de leitura mais importantes dessa obra talvez seja a relação de Carolina com a escrita. Para a escritora, o ato de escrever era tanto uma forma de fugir da realidade cruel em que vivia quanto um meio de denunciar a situação de precariedade da favela. Desse modo, a escrita torna-se um dos principais temas do diário, assim como é uma casa para Carolina Maria de Jesus: o lugar de elaborar o sofrimento, organizar as ideias e sonhar com uma realidade diferente da que vivia. É por meio da escrita que Carolina sonha.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê.

[...]

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 35.

O encantamento de Carolina Maria de Jesus pela leitura e pela escrita viabilizou que ela se tornasse uma escritora publicada. Em sua escrita, é possível observar o desejo de transcender sua condição socioeconômica; é por meio das palavras que ela constrói sua própria casa.



Wagner de Souza

### Sobre o(a) autor(a)



Acervo pessoal

Amanda Cruz é pesquisadora, professora de Literatura e editora de Linguagens e suas tecnologias.

## Competências gerais da BNCC

1, 5, 6, 7, 10

## Orientações

O tema do espaço e da moradia na literatura é de grande importância para que os estudantes compreendam diversas obras, mas também para refletir sobre o próprio espaço e exercer o olhar de empatia pelo próximo.

É importante contextualizar esse tema, explicando aos estudantes como a década de 1930 foi marcada pelo romance regionalista e mostrando como a moradia aparece como uma das marcas das desigualdades sociais nesse período. Além disso, é importante destacar a importância da obra de Carolina Maria de Jesus para a reflexão sobre essa temática.

É interessante também incentivar os estudantes a fazer uma leitura comparativa de obras de diferentes épocas e a perceber como a representação da casa varia entre o Sertão, o cortiço e a favela. Esse é um tema que tem potencial para fazer ponte com outros componentes, como História, Geografia e Sociologia, discutindo urbanização, desigualdade e movimentos sociais.

Também é possível promover rodas de conversa sobre como a literatura pode dialogar com problemas atuais, como déficit habitacional e gentrificação.

## Material complementar

AS NARRADORAS #5 – Eu preciso dessas palavras: Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. Locução: Stephanie Roque. **Rádio Companhia**, 3 dez. 2025. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/31M0008mc8gqXPHqi8SSH1?si=dad5b66b902e4872>. Acesso em: 18 fev. 2026.

ESPECIAL Carolina Maria de Jesus e Casa de alvenaria. Locução: Stephanie Roque. **Rádio Companhia**, 16 ago. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4eFMf1X2624380hCFnQLT6?si=3b6effbe77084528>. Acesso em: 18 fev. 2026.

ROSIN, Maíra. A casa que não encontra o lar. **Quatro cinco um**, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/resenhas/as-cidades-e-as-coisas/a-casa-que-nao-encontra-o-lar/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SOUZA, Jussara. O direito à dignidade: o déficit habitacional no Brasil. **Instituto Comuta**, 5 fev. 2026. *Podcast*. Disponível em: <https://www.institutocomuta.org.br/post/o-direito-%C3%A0-dignidade-o-d%C3%A9ficit-habitacional-no-brasil>. Acesso em: 18 fev. 2026.

VIDAL, Nara. O que escrevo quando escrevo a verdade. **Quatro cinco um**, 1º mar. 2024. Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/artigos/critica-literaria/o-que-escrevo-quando-escrevo-a-verdade/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

## Referências

ASSIS, Carlos Josué de. **Habitação em evidência**: um panorama acerca das abordagens da questão da habitação. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 2018. Disponível em: <https://www.agb.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Carlos-Josu%C3%A9-de-Assis.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2026.

FILGUEIRAS, Patrícia *et al.* A questão da habitação na obra de Carolina Maria de Jesus: Quarto de despejo e Casa de alvenaria. *In: VIII CBG – Congresso Brasileiro de Geógrafos e Geógrafos*, 2024, São Paulo-SP. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 2024. Disponível em: [https://www.cbg2024.agb.org.br/resources/anais/9/cbg2024/1727734693\\_ARQUIVO\\_6b7f69dde54d1d1a88e07a537c9745ec.pdf](https://www.cbg2024.agb.org.br/resources/anais/9/cbg2024/1727734693_ARQUIVO_6b7f69dde54d1d1a88e07a537c9745ec.pdf). Acesso em: 3 fev. 2026.

MARTINS, Georgina. Moradia de pobre na literatura brasileira. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, jul. 2021. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/moradia-de-pobre-na-literatura-brasileira/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

PEREIRA, Jaqueline de Abreu. Caroligrafias: cidade e moradia nas obras de Carolina Maria de Jesus. *In: III Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS*, 2020, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2020. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/1422/assets/edicoes/2020/arquivos/14.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2026.

RAMOS, Twyne Soares. Carolina Maria de Jesus e a escrita apesar da ausência de “um teto todo seu”. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/105871/57765>. Acesso em: 28 jan. 2026.

## REFLEXÃO NA PRÁTICA

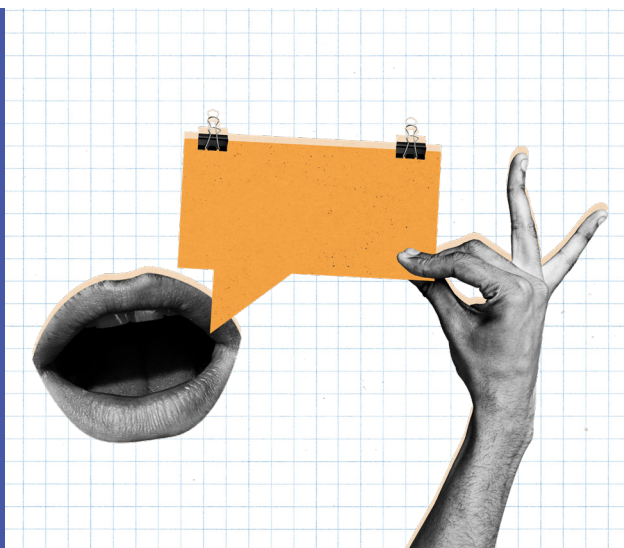
**Conteúdo desta edição**

Literatura brasileira.

O espaço nas narrativas literárias.

A questão da moradia na literatura brasileira.

Carolina Maria de Jesus.



Roman Samborsky/Shutterstock.com/  
natrot/Shutterstock.com

**Organizando as ideias**

- 1 Levando em consideração a maneira como a questão da moradia é abordada na obra da escritora Carolina Maria de Jesus, escreva uma breve reflexão sobre como a falta de terra e moradia afeta a dignidade dos indivíduos.
- 2 A presença de moradias em obras da literatura brasileira revela e coloca em evidência as desigualdades sociais que permeiam a configuração da nossa sociedade. Isso também pode ser observado em outras manifestações artísticas, como na música e no cinema. Escreva, brevemente, sobre alguma música ou filme que aborde esse tema.

**Debate e reflexão**

Escreva um registro de diário a partir da perspectiva de uma personagem fictícia. Essa personagem pode ser totalmente inventada por você ou inspirada em histórias que já conhece. Nesse texto, procure:

- descrever a casa onde essa personagem vive e como é a rotina nesse espaço;
- falar sobre as pessoas com quem a personagem mora e como suas rotinas se relacionam;
- refletir sobre como a rotina dessa personagem é impactada pela rotina dos outros moradores;
- observar o cotidiano do bairro em que você mora;
- encerrar refletindo sobre o espaço que essa personagem ocupa nesse contexto.

Depois, com os seus colegas e com o professor, reúnam os registros dos diários da turma e organizem uma coletânea de textos. Compare como cada personagem vive, quais são as principais semelhanças e diferenças entre as casas e as rotinas criadas, e reflitam sobre o que pode ter motivado essas aproximações ou distanciamentos.

## No vestibular

(Enem/MEC)

Após sete anos da ocupação de um terreno abandonado em Santo André, no ABC paulista, os condomínios Novo Pinheirinho e Santos Dias foram inaugurados, com a presença de representantes dos governos federal, estadual e municipal. A ocupação começou em 2012 e, desde então, o movimento vinha reivindicando o direito de usufruir do espaço para a construção de casas. A Carta Magna, em seu art. 6º, garante a todos os brasileiros o direito à moradia.

PUTTI, A. Disponível em: [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Acesso em: 13 nov. 2021 (adaptado).

O texto apresenta uma estratégia usada pelo movimento social para

- A. fragilizar o poder público.
- B. fomentar a economia solidária.
- C. controlar a propriedade estatal.
- D. garantir o preceito constitucional.
- E. incentivar a especulação imobiliária.

## Na hora da redação

Na redação do vestibular, a questão da moradia na literatura pode ser explorada de diferentes maneiras, permitindo o uso de referências interdisciplinares, já que conecta aspectos sociais, culturais e históricos. Esse tema permite ao estudante articular leitura de obras literárias com reflexões sobre desigualdade, identidade nacional e memória coletiva.

Levando em consideração o conteúdo deste material, o estudante pode relacionar obras literárias, como **O Cortiço** ou **Quarto de Despejo**, com problemas atuais, como déficit habitacional e precariedade das periferias, demonstrando capacidade de articular referências culturais com uma análise crítica da realidade. Esse tipo de abordagem demonstra vasto repertório e maturidade, já que conecta arte e sociedade em um debate relevante para o Brasil da atualidade.

 **Dica para o professor** **Organizando as ideias**

As atividades propostas visam conduzir os estudantes à identificação e à comparação de conceitos, ideias e obras. Ao pedir que descrevam, apontem e comparem, permite-se a formação da visão crítica. Essas tarefas funcionam como porta de entrada para discussões mais complexas, ao mesmo tempo que ajudam a localizar a percepção dos jovens sobre influência, trabalho e formação. As respostas são pessoais.

 **Debate e reflexão**

Resposta pessoal.

 **No vestibular**

Alternativa correta D. A ocupação de terras ou imóveis por grupos de pessoas marginalizadas, organizadas em movimentos sociais, representa o exercício de direitos garantidos pela Constituição.